

CONJUNTURA

Indústria terá que treinar 9,6 milhões

Qualificação de profissionais, novos ou já empregados, deverá ser feita até 2025 para atender os avanços tecnológicos no setor

» MARIA EDUARDA ANGELI*
» ISABEL DOURADO*

O Brasil precisará qualificar 9,6 milhões de pessoas em ocupações industriais até 2025. Desse total, 79% necessitarão de formação continuada (aperfeiçoamento), e 21%, de formação inicial. Os dados são do Mapa do Trabalho Industrial 2022-2025, levantamento realizado pelo Observatório Nacional da Indústria. O setor deve oferecer 457 mil novas vagas formais nos próximos quatro anos.

O estudo observa que o mercado de trabalho passa por uma transformação em decorrência do uso de novas tecnologias e mudanças na cadeia produtiva. A área em que o fenômeno pode ser observado com mais intensidade é de empregos transversais, que permitem ao profissional atuar em diferentes segmentos. Em seguida, aparecem metalmeccânica, construção, logística e transporte, e alimentos e bebidas.

A especialista em Mercado de Trabalho da CNI (Confederação Nacional da Indústria) Anaelly Machado explica que investir na qualificação de profissionais já inseridos nas empresas custa menos do que arcar com uma formação inicial. "Mas é mais uma questão de manter esses profissionais empregados. Com o avanço da tecnologia, o que você aprende no ensino superior não pode ser a última coisa que você estuda na vida, porque a realidade vai mudando. Então, essa qualificação não é para substituir a formação que você já tem, é um complemento."

Para Anaelly, as empresas têm um papel tão importante quanto os funcionários na hora de buscar qualificação. "É algo que vem dos dois lados, até porque contratar novos funcionários, mais jovens, com uma formação mais recente não vai garantir que eles consigam suprir as demandas da empresa. Com o aperfeiçoamento contínuo, a produtividade aumenta,

Gargalo

O setor industrial terá que qualificar 9,6 milhões de pessoas até 2025. Veja as áreas que terão maiores demandas de formação de profissionais:

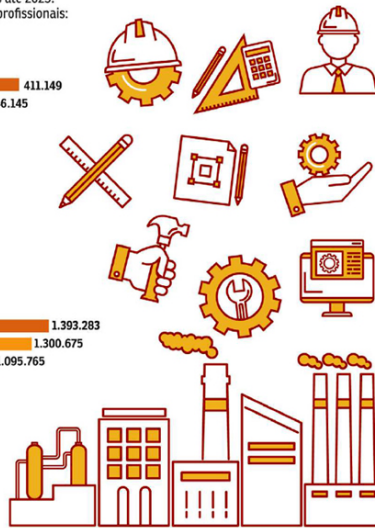
FORMAÇÃO INICIAL

Segmento	Nº de vagas
Transversais*	411.149
Construção	346.145
Metalmeccânica	231.619
Logística e transporte	194.898
Alimentos e bebidas	181.117
Têxtil e vestuário	137.996
Automotiva	92.004
Tecnologia da informação	76.656
Eletroeletrônica	55.747
Couro e calçados	48.868

FORMAÇÃO CONTINUADA (Aperfeiçoamento)

Segmento	Nº de vagas
Transversais*	1.393.283
Metalmeccânica	1.300.675
Logística e transporte	1.095.765
Construção	780.504
Alimentos e bebidas	583.685
Têxtil e vestuário	509.354
Tecnologia da informação	397.836
Eletroeletrônica	248.790
Gestão	226.176
Automotiva	208.317

*As ocupações transversais são aquelas que permitem ao profissional atuar em diferentes áreas, como técnico em segurança do trabalho, técnico de apoio em pesquisa e desenvolvimento e profissionais da metrologia, por exemplo.



Fonte: Mapa do Trabalho Industrial, 2022-2025/Observatório Nacional da Indústria

o que gera crescimento econômico lá na frente".

Cícromo Balbino, professor de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e especialista em mercado de trabalho, diz que a qualificação de profissionais nos próximos anos será fundamental para a retomada do crescimento econômico brasileiro e aumento da competitividade internacional.

"É um dos pilares que compõem diferenciais e eleva a competitividade de qualquer empresa. Os funcionários em posições estratégicas vão aumentar

significativamente a produtividade. Então, o investimento que as empresas fazem na qualificação e treinamento será fundamental", avaliou.

O aumento de exigências vem sendo observado na Bruning Tecnometal, do ramo de metalmeccânica. O diretor da empresa, Reno Schmidt, disse que, para garantir que os funcionários estejam sempre atualizados, a organização tem trabalhado junto a instituições educacionais para aproximar os currículos escolares às demandas da indústria.

"Dentro de nosso centro de treinamento, desenvolvemos a

universidade corporativa Bruning para qualificar os profissionais que estão sendo contratados e os que já fazem parte dos nossos quadros. Investimos R\$ 3,3 milhões em 2021 somente em formação de profissionais. Temos visto movimentos semelhantes de outras empresas", afirmou.

Lucas Costa, 23, dono da D'Luca confeitaria também acredita que manter-se atualizado é essencial. "O mercado nunca é o mesmo, ainda mais para a indústria de alimentos, inclusive a confeitaria. Nós seguimos tendências, novas técnicas são

criadas todos os dias e se atualizar é o melhor caminho, senão a gente acaba ficando para trás".

Ele conta que recentemente precisou contratar um novo funcionário e, durante o processo seletivo, notou que um dos candidatos não sabia fazer bolos condizentes com as tendências. "Vagas sempre terão, mas eu creio que o desemprego no Brasil é muito mais sobre a falta de capacitação do que a falta de oportunidade", pondera o empresário.

*Estagiários sob a supervisão de Odail Figueiredo

Freio na China preocupa

As medidas restritivas adotadas na China para conter a nova onda da covid-19 têm reduzido fortemente a atividade econômica da segunda potência global. Em abril, as vendas do varejo sofreram um tombo de 11,1%, de acordo com números divulgados, ontem, pelo Escritório Nacional de Estatísticas. E a produção industrial recuou 2,9% na comparação com abril de 2021. As vendas de moradias desabaram 32,2% no primeiro quadrimestre em relação ao mesmo período de 2021. Já os investimentos, apesar de crescerem, reduziram o ritmo e o desemprego subiu para 6,1%.

Mesmo com esses dados preocupantes, parte do mercado tentou se animar com a reabertura gradual do comércio em Xangai, ontem. Pela manhã, em Nova York, o Índice Nasdaq, das empresas de tecnologia, operava no vermelho e fechou com queda acima de 1%. Enquanto isso, o Índice Dow Jones, das companhias da velha economia, ficou no azul e fechou com leve alta de 0,1%. Já o Índice Bovespa, principal indicador da Bolsa de Valores de São Paulo (B3), operou no campo positivo e encerrou o dia com a quarta alta consecutiva, contrariando o consenso de que a desaceleração da China, maior parceiro comercial do Brasil, será ruim para a economia brasileira. O Ibovespa encerrou o pregão de ontem com alta de 1,22%, a 108.232 pontos.

Commodities

"De fato, o sinal seria negativo, mas os mercados não tiveram um início de semana positivo, mesmo com os números ruins da China. E a Bolsa vem esboçando uma reação desde a semana passada, corrigindo parte das fortes quedas recentes", explicou o economista Silvío Campos Neto, sócio da Tendências Consultoria. "Além das commodities, pode estar ajudando a percepção de que a economia local está um tanto melhor do que era avaliado até recentemente", acrescentou. Ele reconheceu, no entanto, que as perspectivas não serão animadoras para a economia brasileira se a China sofrer a desaceleração que o mercado está esperando, com o PIB crescendo de 2% a 2,5%, bem abaixo da meta de 5,5% prevista inicialmente pelo governo chinês.

"Os mercados se dividiram hoje. Parte preocupada com indicadores da China, enquanto outra olhou o copo meio cheio com a retirada de algumas restrições em Xangai", avaliou Gustavo Cruz, estrategista da RB Investimentos. Segundo ele, a alta da B3 explicada, em parte, devido à falta de mais indicadores do mercado. O Banco Central não divulgou os dados do boletim Focus, que tem as projeções macroeconômicas do mercado, nesta semana, por causa da greve dos servidores. (RH)

"Todos pagarão por inflação menor"

» ROSANA HESSEL

Diante do aumento das pressões inflacionárias em todo o mundo, que ganharam força com a guerra da Ucrânia, a tendência é de alta de juros no mercado global. E a sinalização do Banco Central do Brasil é de que é bem provável que a taxa básica de juros (Selic) pode subir "até quanto for necessário", porque "todos estão dispostos a pagar um preço maior para ter uma inflação menor".

"Estamos sendo cobrados para fazer o nosso trabalho, cumprir o nosso mandato. E não temos receio de persegui-lo. Vemos esse movimento de inflação implícita bem acima do padrão histórico também nos Estados Unidos e na Europa. Todos estão dispostos a pagar um preço maior para ter uma inflação menor",

disse o diretor de Política Monetária do BC, Bruno Serra Fernandes, ontem, em evento organizado pelo Goldman Sachs. Fernandes reconheceu que o desafio do Banco Central será conseguir entregar a inflação dentro da meta e saber calibrar a alta dos juros. "O cenário piorou e foi necessário estender o ciclo. E o tempo dirá se saberemos alongar o período de manutenção do juro alto a fim de entregar a inflação na meta. Mas ela (a decisão) precisa ser razoável, porque o risco de desaceleração é crescente. E esse é o desafio pela frente", afirmou.

Fernandes reconheceu que os dados de curto prazo mostram que a economia brasileira está surpreendendo as projeções pessimistas do mercado, mas, no segundo semestre de 2022, a tendência é de

desaceleração, porque será o período em que os impactos do ciclo de alta da taxa Selic serão mais efetivos. "O lag da política monetária vai começar a atuar no segundo semestre. A taxa Selic passou para o nível contractionista em novembro de 2021", destacou Fernandes. "A partir do segundo semestre, a história é outra. Vamos ver a Selic impactando a atividade", frisou.

O diretor do BC reforçou que o horizonte relevante com o qual trabalha o Comitê de Política Monetária (Copom) é o de inflação na meta em 2023. O centro da meta atual, de 3,5%, já foi superado pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) em abril, quando o indicador acumulado alta de 4,29% no primeiro quadrimestre. As estimativas do mercado mostram rompimento do teto da meta, de 5%, e indicam

Reprodução/TV Senado



Bruno Fernandes: economia deve desacelerar no 2º semestre

que, em 2023, quando ele passará para 4,75%, também será ultrapassado.

De acordo com Fernandes, o Copom sinaliza que avalia duas alternativas para chegar à meta de inflação: subir os juros a um pico maior ou adiar o ciclo de baixa. "O ambiente é bastante

incerto e a palavra cautelosa aparecem com muita frequência nos comunicados do Banco Central. A minha preferência é sempre a mesma flutuação da taxa básica, porque uma taxa mais estável por mais tempo é melhor. Mas nem sempre isso é possível", disse.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Economia **Página:** 7